

SALA DE APRENDIZAGEM 5

Esse conteúdo é parte integrante do Curso de Aperfeiçoamento em Mentoria de Diretores Escolares

MENTORIA DE DIRETORES DE ESCOLA: ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

Maria Cecília Luiz (org.)

São Carlos, 2022

© 2022, dos autores

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Reitora

Ana Beatriz de Oliveira

Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Subjetividade e Cultura (GEPESC)

Coordenadora

Maria Cecília Luiz

Revisão Linguística

Marina Gimenez Parra

Vanessa Aparecida de Oliveira

Editoração Eletrônica

Jéssica Veloso Morito

Identidade Visual

Jéssica Veloso Morito

Ficha catalográfica

L953 Mentoria de diretores de escola: orientações práticas/
organizadora: Maria Cecília Luiz. -- Documento eletrônico
-- São Carlos: Autores, 2022.

1. Mentoria. 2. Educação 3. Escola. I. Título.

CDD – 370

CDU – 37

AS FIGURAS DO APRENDER DE DIRETORES E A ESCOLA OUTRA

Flávio Caetano da Silva

EMENTA: Projetos de uma Escola-Outra. Relação com o saber. Produção de sentidos de duas escolas municipais paulistas (Ensino Fundamental e Educação Infantil). As figuras do aprender dos educadores e estudantes.

OBJETIVOS GERAIS

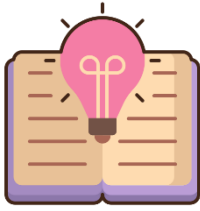
- Refletir sobre o projeto de uma Escola-Outra.
- Conduzir a percepção da escola que temos, impedindo de pensar outra maneira de ser escola.
- Identificar a produção de saberes e sentidos entre as escolas pesquisadas e os diretores.
- Compreender as figuras do aprender de estudantes.

1. A RELAÇÃO COM OS SABERES E AS FIGURAS DO APRENDER

A formação de mentoria de diretores escolares é uma proposta metodológica com base em alguns pressupostos e princípios. Dentre os pressupostos estão a gestão democrática, a cultura colaborativa, a relação com o saber e a cooperação entre pares dentro da escola, entre todos que estão todos os dias presentes naquele espaço e as histórias de vida e os processos de formativos daí decorrentes.

Dentre os princípios, estão a escuta ativa, a cooperação, a valorização do desejo e do sentido que as pessoas atribuem às suas vidas e seus desafios, o aprender a ser, o saber como objeto do trabalho escolar, as razões que movem as pessoas na direção de fazerem o que fazem na escola e na formação de si e do outro, por isso o encontro entre

a Formação de mentoria e o Projeto Escola-Outra faz sentido. Com a junção destes dois pontos de vista, tem-se a aplicação do projeto para a perspectiva da realidade escolar.



O projeto Escola-Outra foi concebido no formato de projeto intervenção¹. A ideia original era levar a uma escola real uma pergunta fundamental na perspectiva da teoria da relação com o saber: **como se aprende o que se sabe?**

Ela seria dirigida tanto aos alunos da escola quanto aos que nela trabalham. A todos que nela trabalham. O porquê da pergunta: **se sabemos como alguém aprende aquilo que sabe, podemos imaginar como ensinar outras coisas?**

Sabíamos, de antemão, que não haveria uma resposta definitiva e única. Se tivesse, seria a mais valiosa do mundo. Mesmo assim, desconfiávamos de que ela nos ajudaria a compreender ou descobrir caminhos para enfrentar os desafios de ensinar, sobretudo na escola. Dessa pergunta surgiu outra,



quase que simultaneamente, em nossa cabeça: **como o aprender e o saber modificam nossas vidas?**

Esta última surgiu por força dos estudos que temos feito na perspectiva da biografização, ou como as histórias de vida podem representar importantes aliados no processo de formação e constituição do **projeto de si** e do **projeto de vida** (DOMINICÉ, 2006; DELORY-MOMBERGER, 2008).

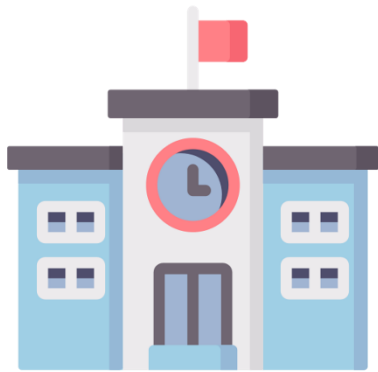
De posse dessas duas perguntas, passamos a desenvolver atividades que partiam do pressuposto de que todos aprendem, sobretudo quando está presente o desejo de aprender que leva o indivíduo a buscar o sentido das coisas que estão ao seu redor. Daí nos interessarmos pelo que cada um sabe e o que move cada indivíduo na direção de encarar seu dia a dia e seus desafios.

Assim, passamos a dialogar com os agentes que trabalham nas escolas² e seus atores: **Azul (Educação Infantil)** e **Verde (Ensino Fundamental)**, ambas da rede municipal

¹ ROCHA, A.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 23, n. 4, 2003. p. 64-73.

² Com a intenção de proteger o anonimato das escolas participantes da pesquisa, escolhemos atribuir os nomes fictícios “Azul” e “Verde”.

de um município do estado de São Paulo, Brasil. Desse diálogo, participam outras pessoas, algumas dezenas de interessados em saber como esse projeto iria se desenvolver.



Uma escola de Educação Infantil (Escola Azul)



Uma escola de Ensino Fundamental (Escola Verde)

Trazemos aqui as reações dos envolvidos no projeto da Escola-Outra e seus desdobramentos.

2. BALANÇO DOS SABERES DOS EDUCADORES DA ESCOLA VERDE (ENSINO FUNDAMENTAL)

Fizemos oito encontros com os educadores da **Escola Verde** entre agosto e dezembro de 2021, com intervalo mínimo de quinze dias entre um e outro. Desses encontros participaram: a diretora, a vice-diretora, a coordenadora pedagógica, todos os professores e professoras e uma merendeira. Solicitamos a todos e todas que iniciassem escrevendo um relato autobiográfico, com o objetivo de conhecermos como cada um enuncia aspectos de sua vida, no que se refere a processos de formação escolar. E como isso se desdobra no trabalho realizado no cotidiano, na **Escola Verde**.



Nos relatos autobiográficos encontramos um pouco de tudo. Gente com alma de professora, mas que estava em outra função, aguardando ansiosamente por uma oportunidade de lecionar. Gente que ensina língua estrangeira e se vê inconformada com o porquê de os alunos não aprenderem outra língua, de verdade, para saber falar, escrever, ouvir, enfim, se comunicar em outro idioma. Gente que trabalha com a

educação física e que se esforça por fazer muito mais do que apenas ensinar vôlei, basquete ou futebol e a competir nos esportes. Gente que iniciou sua escolaridade na zona rural com muitas dificuldades, e, apesar de gostar de estudar, tudo concorria para não conseguir realizar o desejo de aprender.

Gente que foi buscar nas suas origens familiares um sentido para sua vida e encontrou pessoas que lutam com a vida, com deficiências físicas, com medos e angústias, mas que fazem de tudo para se comunicar e para comunicar aos outros seu enorme desejo de viver e ser feliz. Gente que andava quilômetros de bicicleta para ir à escola e que hoje valoriza cada dia que nela trabalha e, sobretudo, valoriza o esforço realizado pelas crianças que também sofrem para aprender. Gente que alfabetiza com o coração e com o que tem à mão: da cartilha ao papel de pão e faz da profissão um grande poema em favor das crianças que estão aos seus cuidados, na escola. Gente, enfim, que acredita na educação. De corpo e alma!

O que sabem essas pessoas sobre a educação e a escola. Sabem que a escola pode representar muito na vida de famílias para as quais ela é a única possibilidade de seus filhos terem uma vida melhor. Sabem, que ninguém aprende sem esforço intelectual, mas também, esforço pessoal, disposição para superar enormes barreiras. Desejo de aprender e de que o resultado – o saber – faça diferença em suas vidas. Sabem o valor da profissão docente, mesmo estando em outras funções. Sabem que todos educam na escola, independente do nome da função ou cargo que ocupa. Sabem que é preciso voltar à escola todos os dias, com a crença renovada de que tudo poderá ser melhor. Sabem que a escola não pode se render à mesmice, enquanto as crianças e jovens anseiam por aprender aquilo que venha a fazer diferença em suas vidas.



3. BALANÇO DOS SABERES DOS ALUNOS DA ESCOLA VERDE (ENSINO FUNDAMENTAL)

Em um encontro com a equipe de professores, servidores não-docentes, gestores, supervisão escolar, provocamos os educadores com alguns questionamentos: vocês consultam os alunos na escola? Em que momento? Com que finalidade? O que ocorre depois da consulta? Vocês ouvem cada aluno? Por que é importante ouvir os alunos?

A partir de Charlot, (2009, p.14), foram trazidas três perguntas que nos ajudaram a refletir a respeito das questões acima:



Que sentido tem para uma criança, nomeadamente para uma criança oriunda de meio popular, ir à escola?

Que sentido tem para ela aplicar-se na escola ou não?

Que sentido tem para ela aprender, na escola ou noutra espaço?

Com a ajuda de membros da gestão escolar iniciamos a busca por saber o que os alunos sabem. Trazemos aqui apenas uma pequena amostra do que obtivemos, pois o trabalho está começando e ainda vamos percorrer um longo caminho para saber o que sabem os alunos da Escola Verde. Foi perguntado aos alunos o que sabem sobre a vida, sobre a escola, sobre aprender. Apresentamos a seguir constelação desses saberes denominada “O mundo que me cerca”.

3.1 Constelação um: o mundo que me cerca

Disseram os alunos de um quinto ano da escola verde:



FIGURAS DO APRENDER



Figuras do aprender: *Ter uma vida boa – a escola ensina, ser bombeiro, saber falar inglês, música, família, não julgar, jogar tênis, perder mãe / pai, ficar sozinho em casa, a professora é fonte de inspiração, fazer contas difíceis, derrotas e vitórias na vida, respeito ao próximo, ser educado, respeitar as diferenças, desenhar, aulas mais divertidas, matemática, campeonato de futebol na escola, ser*

jogador de futebol, cozinhar, estudar, um dia vou trabalhar, ser veterinária, ter [filhos] gêmeos, ser empresário, ser advogado, um ajudar o outro, jogar on-line, ciências, andar de bicicleta, patins, skate, ver neve, tristeza pela morte (de parente, na pandemia), dar carinho para as pessoas, ter aulas sobre jogos, aprender a programar jogos, prova surpresa é ruim, quando a professora ajuda na hora da prova, mudar o mundo, direito das pessoas, moradia para todos, ficar longe daqueles que nos magoam em casa, ir embora deste mundo (na pandemia), cantar, a importância da família, da igreja e da escola, o preço alto do arroz, feijão, agradecer a Deus pela cesta, aprender inglês para viajar para Nova York, explorar o mundo, conhecer Paris, a faculdade é muito importante, o exército é importante, muitos roubos na cidade, quando crescer é preciso ter um emprego, ter uma profissão: cortador de cabelo, médico, perder um ente querido (morte), YouTube, não perturbar a privacidade dos outros, ser astrônomo, fazer lições sobre o espaço, não pode falar mal dos outros, fazer minhas coisas sozinha (sei fazer um pouco de lição sozinha), a mãe é a pessoa que mais ensina (em casa), pai ausente, cuidar de cachorro, morar na praia.

4. FIGURAS DO APRENDER DA ESCOLA VERDE (ENSINO FUNDAMENTAL)

A partir da constelação organizamos as figuras do aprender nas suas três dimensões: (1) formas de estabelecer um **saber-objeto teórico**, (2) **domínio de uma atividade** e (3) **aspectos relacionais** – o aprender a ser com o outro. Vejamos como os saberes dos alunos nos chegam.

Saber-objeto (teórico): Ter uma vida boa / fazer contas (matemática) / derrota-vitória / estudar ciências / neve / tristeza / morte / aula de jogos / programar jogos / prova surpresa (ruim) / mudar o mundo / direito das pessoas / moradia para todos / suicídio / preço alto do arroz e do feijão / cesta básica / agradecer a Deus / aprender inglês / viajar para Nova York / explorar o mundo / conhecer Paris / faculdade / exército / roubos na cidade / ter emprego / ter uma profissão / cortador de cabelo / médico / YouTube / privacidade / morar na praia

Dominar uma atividade: ser bombeiro / falar inglês / música / jogar tênis / desenhar / campeonato de futebol na escola / ser jogador de futebol / cozinhar / trabalhar / ser veterinária / ser empresário / ser advogado / jogar *online* / andar de bicicleta / patins / skate / cantar / falar inglês / ser astrônomo / fazer lições sobre o espaço / fazer as próprias coisas sozinha / cuidar de cachorro

Saber relacional: família / não julgar / perder a mãe ou pai / ficar sozinho / professora (fonte de inspiração) / respeito ao próximo / ser educado / respeitar diferenças / aulas mais divertidas / ter filhos gêmeos / ajudar o outro / dar carinho / professora que ajuda na hora da prova / ficar longe daqueles que nos magoam / igreja / escola / não perturbar a privacidade dos outros / não pode falar mal dos outros / mãe que ensina em casa / pai ausente

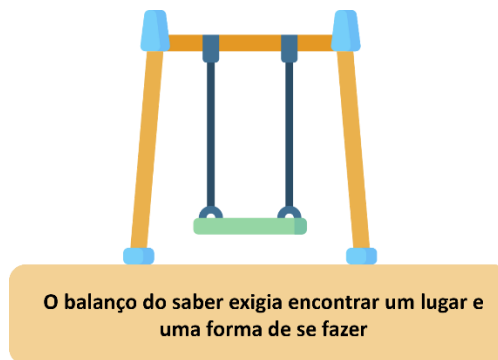
Então, como aprenderam o que sabem?

Para compreendermos como os alunos aprendem o que sabem, estabelecemos diálogos com seus relatos para compreender *com quem* aprendem e as respostas nos indicam que é com a família, na igreja, na escola, com a mãe, com a professora inspiradora, com o outro (não ficar sozinho), nas aulas divertidas, com a vida (derrotas e vitórias), com o próximo, com o diferente, com a professora de matemática, com os jogadores de futebol, com os gêmeos, com os jogadores on-line, nas aulas de ciências, com os colegas/amigos na rua, com o pai, com a mãe, com Deus, com o mundo, com a faculdade, com o exército, com o *cortador de cabelo*, com o médico, com os entes queridos (quando ocorre morte na família).

O *com quem* aprendem nos leva ao *onde* aprendem: em casa, na igreja, na escola, na sala de aula da professora inspiradora, nas aulas divertidas, na vida, na aula de matemática, na TV, nas famílias dos gêmeos, na internet, nas aulas de ciências, na rua, no mundo, no lugar onde corta cabelo, no lugar onde fica o médico, no velório.

Isolamos os verbos que foram relacionados ao *como* no aprender dos alunos para melhor identificarmos as ações que envolvem esse esforço intelectual. Ei-los: experienciar (viver experiências) / refletir, enxergar, distinguir, diferenciar / vivenciar / apoderar-se – tomar para si / relacionar-se / explorar, investigar, questionar, duvidar e

recriar / ouvir, imitar, prestar atenção, raciocinar / fazer, participar, interagir, errar, acertar, tentar perguntar / pesquisar / interagir / observar / captar informações / transmitir informações / ensinar / compartilhar. Se notarmos bem, são formas do agir que as crianças e adolescentes consultados utilizam para aprender. São pistas para a relação entre os educadores – sejam eles professores, membros da gestão escolar, servidores não-docentes – em seus esforços de ensinar, ou, ao menos, permitir aprender e seus alunos. No momento em que o educador se depara com a demanda por um trabalho pedagógico que leve em conta a produção de sentido por parte de crianças na escola e com eventuais desafios e dificuldades que daí decorrem, esses verbos podem trazer algumas sugestões de que fazer para que os alunos aprendam os conteúdos escolares ou, antes disso, se interessem por eles tanto quanto se interessam por outros conteúdos que vivenciam.



No percurso dos dias que vai de um encontro a outro, no projeto Escola-Outra, identificou-se que não foi possível definir como os educadores deveriam se organizar para realizar esta ação o balanço do saber. Então, em outubro os professores, reunidos em HTPC definiram que iriam consultar os alunos nos momentos das *assembleias de classe*, prática já desenvolvida pela escola para tratar de temas de interesse tanto de alunos quanto de professores e gestão escolar. As assembleias de classe envolvem os alunos e alunas de uma sala de aula. Seu objetivo é tratar de temas que dizem respeito ao espaço específico de cada sala de aula, buscando regular a convivência entre todos da classe e seus professores.

Há também as assembleias de escola. Delas “participam os representantes de todos os segmentos da comunidade escolar ([alunos,] dois de cada classe, docentes e funcionários) são escolhidos obedecendo a uma sistemática de rodízio, sua periodicidade deve ser mensal, coordenada por um membro da direção da escola. Essas assembleias buscam discutir temáticas que envolvem a convivência, as relações interpessoais, os conflitos, o uso dos espaços, e os projetos comuns” (PPP da Escola Verde).

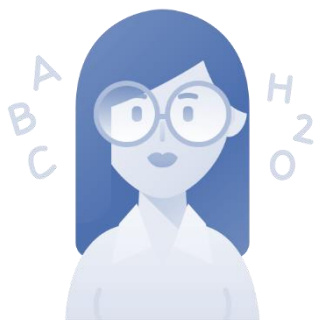
Às três perguntas expostas acima, acrescentou-se outras, para esclarecer melhor para os alunos o que se desejava de fato, saber. Eis as questões:

1. Desde que nascemos aprendemos muitas coisas, em casa, no bairro, na igreja e na escola. O que você já aprendeu? Com quem?
2. De tudo o que você já aprendeu o que foi mais importante para você?
3. E agora o que você gostaria de aprender na escola que ainda ninguém o ensinou?
4. O que a escola significa para você?
5. Qual é o seu maior sonho?
6. Qual é o seu maior medo? O que te deixa angustiado (a)?
7. Aconteceu algo na pandemia que você gostaria de contar?
8. Você já sabe o que gostaria de ser quando crescer?



A partir das respostas dos alunos e alunas foi estabelecido que um *programa de orientação* de alunos será efetivado. Assim, representa um esforço por acompanhar cada aluno em seu percurso escolar como forma de ouvir cada um, identificar conquistas, desafios, dificuldades e será assumido pelos agentes escolares envolvidos no projeto Escola-Outra. Para realizar a atividade de orientação dos alunos, a escola pretende convidá-los para estarem presentes no contraturno, o que demandará que a escola retorne ao período integral. Os alunos não serão agrupados por idade, mas por interesse de saberes, como previsto no Projeto Escola-Outra.

5. BALANÇO DOS SABERES DOS EDUCADORES DA ESCOLA AZUL (EDUCAÇÃO INFANTIL)



Realizamos seis encontros com os agentes que trabalham na **Escola Azul** (Educação Infantil). Foram encontros que nos permitiram nos deslocar entre um momento inicial em que estávamos nos *estudando* – nós os proponentes do projeto (a direção da **Escola Azul** e o pesquisador da UFSCar) e os agentes escolares – e um momento em que as atividades começaram a fazer sentido para todos os envolvidos. Coisa normal na perspectiva da relação com o saber, que parte do pressuposto que só aprendemos aquilo que faz sentido para nós. Assim, como na Escola Verde (ensino Fundamental), iniciamos com uma escrita autobiográfica, objetivando identificar os saberes de cada participante sobre alguns temas que nos parecem relevantes: escola, formação escolar, aprender, saber, informação, conhecimento, trajetórias de vida, enfim, quem somos nós e como nos constituímos naquilo que somos.

Nos relatos autobiográficos encontramos muitas pistas sobre a Escola-Mesma e o desejo por uma Escola-Outra. Desde gente que diz “Respiro escola, vivo escola” até traumas vividos num emaranhado de coisas experienciadas e que caracterizam um conjunto sem-sentido: de agressões verbais ao desprezo. Nesses casos, nos perguntamos, o que foi preciso para que crianças, tratadas com tamanho despreparo por agentes escolares, passassem a desejar tornarem-se educadoras? A resposta é simples. Elas não viveram somente coisas ruins na escola. No entanto, seria bom ponderarmos um pouco.

Ao serem instadas a relatarem aspectos de sua vida e formação escolar, registram relatos desses eventos, o que nos indica que foram muito significativos na época e o são até hoje. Podemos nos enveredar pelo caminho do discurso da superação. Essas pessoas são vencedoras, pois superaram traumas da infância,



superaram as dificuldades e se tornaram educadoras! Mas coisas não são tão simples assim.

O relato que nos chega, hoje, desses eventos negativos, vividos na infância, dentro da escola, acompanhou a vida escolar dessas pessoas por muito tempo e até hoje são lembrados. Mas algo aconteceu no caminho. Em alguns casos o pai, a mãe ou um irmão ou irmã, ou outra pessoa, auxiliou na procura de um horizonte para a vida, uma forma de superação daquilo que foi vivido e que se constituiu em uma imensa falta de sentido para a criança.

Em algum momento, alguém indicou outra possibilidade de viver e de perceber a escola. Às vezes, foi um professor um “Francisco”, um “João” ou um “José”: “O meu primeiro dia na nova escola foi magnífico, o meu professor se chamava José, era muito carismático e me recebeu com muito carinho, com um sorriso no rosto que espantava qualquer medo que estava no meu coração. A partir desse dia, a minha vida mudou, não tinha mais medo da escola, do professor, não chorava mais...” (Professora da Escola Azul).

A trajetória escolar, segundo alguns relatos, foi marcada pela oposição **professora brava** e **professora alegre e carinhosa**. O que cada uma representou na vida de cada criança é uma multiplicidade de experiências boas e ruins, mas que são constitutivas da vida e da formação daquelas e daqueles que hoje atuam na educação. Em alguns casos, uma experiência relacional muito ruim foi superada por outra muito boa, por gente que prestava atenção no ser-criança antes mesmo de enxergar o ser-aluno e fazia da relação adulto-criança uma experiência de superação. Em outros casos, as experiências ruins convidavam a quebrar regras. Em outros, a teimosia era a forma de superar as dificuldades e angústias de relações distorcidas e agressivas.



Os anos trabalhados na escola não nos dão a certeza do que as crianças irão fazer com o que se ensina escola. Mas uma coisa parece certo: elas farão alguma coisa, irão tirar alguma lição, servirá para algo ali adiante. Isso nos leva a concluir que não há razão para acreditarmos que as crianças e jovens se tornarão *aquilo que desejamos ou projetamos sobre eles*.

Nesse sentido, quando escrevemos “formar cidadãos”, “formar alunos críticos”, “formar alunos protagonistas”, mais se parece com um caráter prescritivo que aprendemos nos cursos de formação de professores que fizemos, no estilo de concepções diretivas e autoritárias, que podem ser encontradas ainda em algumas instituições de ensino superior. O caráter pode até ser prescritivo. O resultado não.

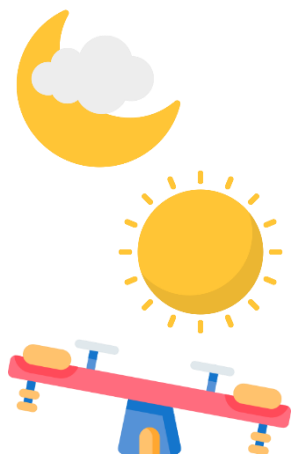
Encerramos este tópico com o relato de uma educadora da Escola Azul, lembrando uma frase escrita por seu professor, em algum momento de sua formação, na qual ele citava Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*: “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas, pessoas transformam o mundo”.

6. BALANÇO DOS SABERES DOS ALUNOS DA ESCOLA AZUL (EDUCAÇÃO INFANTIL)



Ao perguntarem às crianças o que elas sabem, encontrou-se muita coisa que serve para se pensar na emergência da Escola-Outra. Ou talvez devamos chamar de *latência*? Talvez a Escola-Outra esteja querendo surgir a cada forma de saber que brota do chão da realidade em cada escola, em cada experiência vivida. O que nos leva a perguntar se estamos prestando atenção, se estamos procurando o não-previsto, ou o não-prescrito no dia a dia com as crianças. Vejamos o que dizem as educadoras³ na Escola Azul:

³ Estamos utilizando o termo *educadoras* de forma genérica. Na escola azul, há o grupo das educadoras e o grupo das professoras. O primeiro grupo tem formação no Ensino Médio e o segundo no Ensino Superior, na rede municipal da cidade pesquisada.



Eles sabem brincar de faz de conta, imitar, reproduzir gestos, criar seu próprio brinquedo a partir de jogos de encaixe. Adoram brincar e ser desafiados com atividades que envolva o corpo, como corre, pular, saltar, brincar de pega-pega, enfim tudo que contemple as partes do brincar, alguém sempre sabe e quer compartilhar à sua maneira. Também apresentam bom diálogo, entendimento e relatam fatos.

- 1- O sol vai embora e aí a lua vem;
- 2- Observei que no final do dia o sol some e aparece a lua por isso acontece o dia e a noite;
- 3- A minha mãe disse que o sol vai clarear o Japão;
- 4- Eu aprendi com a minha mãe que a Terra gira por isso acontece o dia e a noite;
- 5- A terra e o sol são redondos eu vi na televisão.
- 6- Nós moramos nela

7. COM QUEM AS CRIANÇAS DA ESCOLA AZUL APRENDERAM O QUE SABEM? ONDE APRENDERAM?

As crianças aprendem nos meios tecnológicos - nas redes sociais – bem como pela curiosidade que as faz buscar o novo, sempre perguntando algo a alguém próxima a elas. Em geral com membros da família e na escola também. Na escola, ao desenvolver um projeto denominado “De onde vem”, elogiado por educadoras da Escola Azul, um trabalho de hipóteses, levantadas em rodas de conversas com as crianças, notamos que a educadora se surpreendeu com as respostas obtidas. A seguir o relato da educadora:

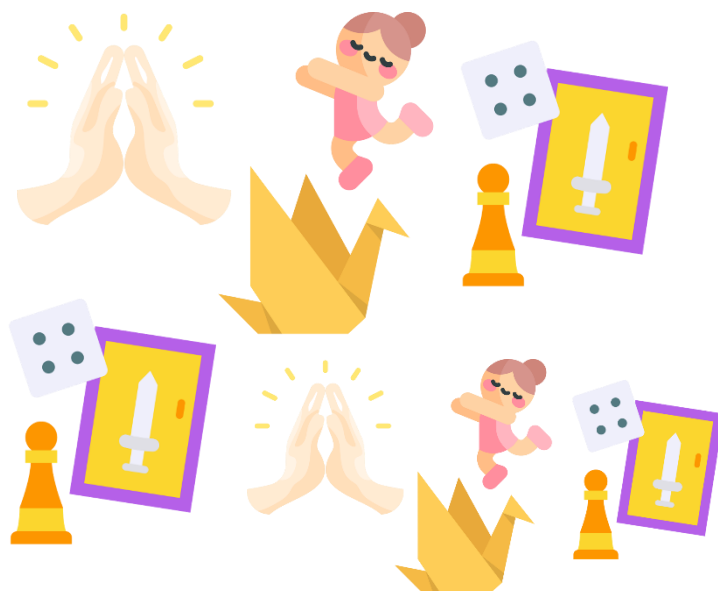


O Projeto “De Onde Vem”, o qual desenvolvemos com as crianças está sendo muito valioso, pois as crianças têm aprendido a fazer pesquisas, também desenvolve melhor a oralidade pois expressam as suas hipóteses. Por meio de uma roda de conversa, questionei aos alunos o que sabiam sobre a energia elétrica, de onde vem? Foi muito gratificante essa conversa, pois as crianças me surpreenderam com relação a conscientização do gasto da energia, todos têm conhecimento do preço exorbitante que está. Com relação as hipóteses de onde vem a energia elétrica, segue abaixo as respostas que deram. Eles disseram:

- Vem do fio elétrico;
- Vem do poste;
- Vem da tomada.

Então, o que as crianças dizem saber?

Orar a Deus;
Tomar banho sozinho;
Fazer Origami;
Saber dançar;
Fazer salada;
Colocar roupa para lavar;
É bom no jogo;
Sabe desenhar;
Andar de bicicleta;
Fazer maquiagem.

**8. PARA CONCLUIR**

O Projeto Escola-Outra cumpriu até aqui um semestre de atividades. Iniciamos em agosto e encerramos em dezembro de 2021. O planejado é termos seis semestres subsequentes. O que nos levará, provavelmente a encerrar todo o projeto em junho ou julho de 2024. Nas duas unidades educacionais. Convidamos os agentes escolares a participar, oferecendo uma certificação de curso de aperfeiçoamento de 180 horas, por cada um dos semestres do projeto, no âmbito da Pró-reitora de Extensão Universitária da UFSCar. O projeto abriga educadores, pais de alunos de diferentes cidades e estados brasileiros. Nesses locais há participantes que acompanham nossas reuniões, realizadas virtualmente, nos permitindo estabelecer novas visões, novas críticas, novas demandas, novos horizontes para o desenvolvimento do projeto.



Também criamos, no âmbito do projeto, um grupo de referência de crianças e adolescentes com os quais realizamos encontros, em geral um por mês, virtualmente. Este grupo de referência nos tem ensinado muito sobre o que pensam crianças que também estão nas escolas no dia a dia.

Não pensamos em partir, ou produzir modelos ou antecipar conceitos sobre como pensam *as* crianças. Cremos que cada criança é singular.

O que temos aprendido é que todos, crianças e jovens, professores, professoras, diretoras de escola, coordenadoras e coordenadores de escola, merendeiras, e outros servidores- não docentes que nos acompanham no projeto Escola-Outra, têm saberes. Todos aprendem. Já o pudemos perceber

Os próximos passos do projeto estão previstos, mas serão objeto de debates com os educadores e educadoras das duas escolas. São eles: Emergência de uma Escola-Outra; Desafios e esforços para conceber o Professor-Outro; Consolidação da condição de *aprendente* na Escola-Outra; Desafios estruturais da Escola-Outra; Escola-Outra como possibilidade – Por uma pedagogia para nosso tempo.

O projeto Escola-Outra tem sido trabalhado no âmbito da Formação de Mentoria de Diretores, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cecília Luiz, o projeto Escola-Outra e seus integrantes têm procurado explicitar uma correlação, que para nós é profunda e necessária, entre os desafios da gestão escolar nesses nossos tempos, em que velhas demandas ainda permanecem presentes: evasão, alunos com dificuldades de aprendizagem, professores desmotivados, estruturas educacionais autoritárias, espontaneísmo recorrente, avaliações internas e externas produtoras de classificações inadequadas, enfim, as mazelas que nós educadores já conhecemos de longa data.

Por outro lado, a pandemia do Sars-covid-19 que se instalou desde o início de 2020, tem representado, em todo lugar, um esforço monumental por vencer os enormes abismos que se criaram, sobretudo na escola pública, gerando defasagens que ainda não somos capazes de dimensionar. Sabemos que a escola que tínhamos antes da pandemia não será mais a mesma.

Talvez, seja a hora de extrairmos dessa imensa tragédia humana uma lição para a escola: não seria o momento propício para fazer emergir uma Escola-Outra por dentro da Escola Pública? Nossas crianças e jovens aguardam nossa resposta ansiosamente.

Elas e eles não têm tempo para esperar que se façam longos debates em torno de qual deveria ser a Pedagogia para nosso tempo. É hora de darmos uma resposta urgente sobre que ser humano estamos a produzir a partir da educação (CHARLOT, 2020).

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Educação ou barbárie**: uma escolha para a sociedade contemporânea. São Paulo: Cortez editora, 2020.

CHARLOT, B. **A relação com o saber nos meios populares uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio**. Porto: CIEE/Livpsic, 2009.

DOMINICÉ, P. A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, 2006. p. 345-357.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto**. São Paulo: Paulus, 2008.